

LETRAMENTO LITERÁRIO REGIONAL

Mario Ribeiro Morais (UFT)  
[moraismarioribeiro@gmail.com](mailto:moraismarioribeiro@gmail.com)

RESUMO

O que é letramento literário? O que é regionalismo? Qual o espaço que as obras locais têm encontrado no ensino de literatura no espaço escolar? Jogando luz sobre estas questões, este artigo discute o letramento literário sob a perspectiva do regionalismo. As postulações teóricas sobre letramento literário se ancoram especialmente em Cosson (2014), Zilberman (2010), Paulino (2004) e Rangel (2007); e sobre as vertentes do regionalismo, baseiam-se sobretudo em Coutinho (1995) e Enderle (2005). Como proposta para o ensino/leitura de literatura regional com alunos da educação básica, este artigo apresenta duas obras poéticas regionalistas: *Poemas da Margem Esquerda do Rio de Dentro*, de Cavalcante (2001) e *Mosaicos de um Sonho*, de Coelho (2001). As reflexões apontam a importância de se familiarizar os alunos com o texto literário local, enfatizando o papel da escola como responsável por instigar e criar condições para que os mesmos o leiam com prazer, autonomia, criticidade e domínio dos aspectos temáticos e estilísticos. Assim, as discussões confirmam a relevância da literatura local e suas contribuições para o letramento literário regional.

Palavras-chave: Letramento literário. Poesia tocantinense. Ensino de literatura.

1. Introdução

As questões abordadas no presente artigo focalizam o letramento literário na escola, a partir do prisma do regionalismo. Como proposta de ensino e leitura com alunos da educação básica, apresentemos uma breve análise semântica de duas obras poéticas tocantinenses, *Poemas da Margem Esquerda do Rio de Dentro* e *Mosaicos de um Sonho*.

Embora as temáticas letramento literário e regionalismo apareçam, via de regra, discutidas de forma independentes, sistematizadas, procuraremos abordá-las conjuntamente. De modo evidente, as postulações gravitam, dando maior ênfase, no entorno do processo de letramento literário na escola, restando pouco espaço para a discussão do regionalismo.

Como ponto central do letramento literário, o ensino de literatura tem sido questionado e criticado devido à prática baseada ‘sempre’ na periodização literária, geralmente, guiada pelos livros didáticos em sala de aula. As discussões sobre letramento literário visam levar aos discentes às práticas sociais de leitura, partindo do próprio texto literário. No

entanto, para que esse letramento seja possível, a escola precisa valorizar o ensino de literatura a partir da abordagem de obras locais.

Muitos estudiosos têm argumentado em favor da importância da literatura no espaço escolar. Ela não é só um veículo de entretenimento, sua função ultrapassa o caráter lúdico, atingindo a informação e formação do leitor, devido, por exemplo, ao enfoque dado por ela aos fatos históricos e culturais de um povo ou simplesmente por seu caráter estético. Nesse sentido, a literatura de determinado lugar, ou melhor, a obra regionalista é relevante meio de interação entre as pessoas e sua realidade, sobretudo quando ela se atém a elementos do quadro humano, de fatores culturais e históricos.

Assim, a obra poética tocantinense é, embora em seu estágio inicial, um legado enriquecedor da identidade do povo local, além de ser parte do panorama literário nacional, porque “as regiões não dão lugar a literaturas isoladas, mas contribuem com suas diferenciações, para a homogeneidade da paisagem literária do país”. (COUTINHO, 1995, p. 205)

Para Sodré (1995, p. 2), “entre as manifestações da vida social, nenhuma traduz mais fortemente os seus traços do que as artísticas e, entre elas, as literárias”. Os temas locais e gerais atuam na literatura tocantinense como fontes fecundas de cultura, de variedade, de estímulos e de história, evidenciadas pelas duas vertentes de regionalismo teorizadas por Coutinho (1995) e por Enderle (2005).

Dito posto, conhecer, discutir, compreender e ensinar na sala de aula não somente a literatura já canonizada e conhecida em nível nacional e (ou) mundial, mas também aquela surgida na própria região é uma das múltiplas formas de olhar a realidade e promover a interação crítico-reflexiva tanto entre aluno e texto, quanto entre leitor, texto e autor, pois, segundo Compagnon (1999, p. 149),

a literatura tem, pois, uma existência dupla e heterogênea. Ela existe independente da leitura, nos textos e nas bibliotecas, em potencial, por assim dizer, mas ela se concretiza somente pela leitura. O objetivo literário autêntico é a própria interação do texto com o leitor.

## **2. *Letramento literário sob a perspectiva regional***

A discussão que propomos aqui de um letramento literário regional demanda o entendimento dos principais conceitos do que seja letramento literário e regionalismo. Tomando o termo letramento literário de

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

forma genérica, apresentamos a afirmação de Soares (1998, p. 98) para quem letramento é o

conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais.

Tomado o termo de forma particular, Paulino (2004, p. 59) diz que o letramento literário, “como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela”. Desse modo, o letramento literário pode ser entendido como um meio de formar um leitor “para quem o texto é objeto de intenso desejo, para quem a leitura é parte indissociável do jeito de ser e de viver” (RANGEL, 2007, p. 137-138).

O que caracteriza o letramento literário como um tipo distinto de letramento se efetiva por meio de um processo constituído de dois grandes procedimentos, sendo que o primeiro deles é a interação verbal intensa que a apropriação da literatura demanda. A leitura e a escrita do texto literário operam em um mundo feito essencialmente de palavras e, por esta razão, uma integração mais profunda com o universo da linguagem se torna necessária. A leitura da literatura é uma experiência de imersão, um desligamento do mundo para recriá-lo ou, antes, uma incorporação do texto semelhante ao ato de se alimentar. O segundo procedimento é o “(re)conhecimento do outro e o movimento de desconstrução/construção do mundo que se faz pela experiência da literatura”. (PAULINO & COSSON, 2009, p. 69)

No contexto escolar, com base nas discussões de Zilberman (2010), é possível perceber que a leitura literária recebe um tratamento bastante pragmático, o que se pode verificar em grande parte dos manuais didáticos. Esta forma de abordagem prescinde da experiência plena de leitura do texto literário pelo leitor. Em lugar dessa experiência estética, os textos literários aparecem em forma de excertos, de trechos de obras ou poemas isolados, por serem considerados exemplares de determinados estilos, abordagem preocupante, mas ainda recorrente no contexto da escola básica. As atividades de leitura de textos literários na escola são restritas. Em função do pouco espaço dados aos textos, os alunos recebem apenas informações sobre autores, características de escolas e obras, tendo pouca oportunidade para leitura integral das obras.

Cosson (2014) problematiza o apagamento da literatura na escola, ao apresentar vários indícios para o seu estreitamento. Um deles são os

próprios livros didáticos que são constituídos por textos os mais diversos (receitas, regulamentos, roteiros de viagem, textos jornalísticos etc.), com fragmentos recortados, adaptados, ou condensados de gêneros, modalidades, contextos culturais e temas distantes da literatura. Outro indício é a recusa das obras clássicas por conta das dificuldades impostas aos alunos por textos complexos, assim, acabam recorrendo à adaptações cinematográficas e/ou resumos na internet. Outro indício é o entendimento de que a literatura ocupa um lugar indevido no ensino escolar porque se trata apenas de uma manifestação cultural, e que, em função da diversidade cultural, os livros devam ceder lugar aos filmes, *shows*, vídeos, programas televisivos, entre outros, que compõem a vida atual dos jovens.

O resultado de tudo isso é o estreitamento do espaço da literatura na escola e, conseqüentemente, nas práticas leitoras das crianças e dos jovens. No campo do saber literário, o efeito de tal estreitamento pode ser potencialmente ainda mais desastroso porque a escola é a instituição responsável não apenas pela manutenção e disseminação de obras consideradas canônicas, mas também de protocolos de leituras que são próprios da literatura. Se a presença da literatura é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como lócus de conhecimento. (COSSON, 2014, p. 15)

O pouco espaço dado ao letramento literário na escola contribui para essa abordagem pragmática e superficial da obra. *A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (BRASIL, 1996), os *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM* (BRASIL, 2000) e a *Proposta Curricular do Tocantins para o Ensino Médio* (TOCANTINS, 2009), em consonância com a lei maior, extinguíram a disciplina de literatura do currículo, incorporando-a à disciplina de língua portuguesa, assim, ela perdeu grande parcela de sua autonomia e especificidade.

O espaço da literatura em sala de aula se encontra delimitado e sufocado. Todorov (2009) e Compagnon (2009), embora discutam a questão do ensino da literatura francesa, contribuem para a discussão do ensino literário brasileiro, ao afirmarem que a literatura está sob risco, ou pelo menos perdeu grande parte do prestígio do qual usufruía há algumas décadas, inclusive na escola, onde era estudada em disciplina específica no então segundo grau.

Como há, portanto, pouco espaço para a leitura literária integral de uma dada obra, Chiappini (2001), argumenta que, no ensino médio, assim como o estudo da língua se reduz quase que totalmente à gramática, tratada de modo estanque, com regras a decorar e exercícios de aplicação dessas regras, sem relação com a prática da leitura e da escrita, o

ensino da literatura se limita, na maior parte das vezes, a traçar panoramas de tendências e escolas literárias, de modo esquemático e desconectado do trabalho analítico e interpretativo. De forma geral, as propostas para o ensino de literatura não têm contribuído para a concretização do letramento literário, pois muitas se limitam a apresentar a literatura como conteúdo necessário e obrigatório do currículo escolar incorporado na disciplina de Português, tratando-a, com frequência, como mera estratégia para o ensino da língua portuguesa ou como cronologia de escolas literárias, estilos e autores.

De acordo com Rangel (2005, p. 150-151), ensina-se literatura a partir de um olhar classificatório, linear e informativo, priorizando passos como: “ligar a literatura a uma suposta evolução cronológica”; “fornecer um quadro de época, com os principais acontecimentos”; “arrolar as características da Escola [literária] a que pertence(m) o(s) autor(es) estudado(s)”; “apresentar dados biográficos do autor”; e, por fim, “resumir a obra”.

Rangel (2005) não ignora a importância de se estabelecer tensões entre textos e contextos e de se oferecer informações sobre a literatura. O que o autor problematiza é que essas sejam as únicas práticas de ensino ou que estejam tais práticas em primeiro plano, relegando a uma instância secundária uma relação direta com o texto. Defende-se, por sua vez, a realização de experiências de leituras, permitindo que, na interlocução com as palavras, o leitor não vise enquadrá-las a categorias, mas permita que elas provoquem nele deslocamentos, transformações. O texto, nessa perspectiva, não seria dominado pelo aluno-leitor, nem utilizado como instrumento para aquisição de conhecimentos. Em contrapartida, seria o leitor atravessado pela materialidade das palavras, pelo seu jogo de sentidos.

Não resta dúvida de que o tempo para o trabalho com a literatura no ambiente escolar encontra-se prejudicado, tornando-se necessária uma revisão curricular para que o letramento literário venha ganhar mais espaço na sala de aula. Não havendo espaço suficiente para o trabalho literário, obras canonizadas e não reconhecidas ainda pela crítica nacional/mundial terão seus ensinamentos/leituras prejudicados. Nesse sentido, as obras locais ou regionais, como, via de regra, não são exigidas pelos processos seletivos e ENEM, acabam não sendo prestigiadas nas práticas escolares. Obras regionais têm uma importância incontestável, pois tratam da cor local, dos aspectos culturais, políticos, sociais, ambientais, geográficos etc. que, embora muitas das vezes particularizados, tipificam ou re-

apresentam questões globais que devem/podem ser discutidas no contexto escolar.

A literatura tem uma relação de representação da realidade, do absoluto, como postula Hegel (2004). Na mesma linha deste pensamento, Bordini e Aguiar (1996, p. 14) afirmam que “a linguagem literária extrai dos processos histórico-político-sociais nela representados uma visão típica da existência humana”. Esse caráter de humanidade proporciona a identificação do leitor com o universo literário. A literatura, à semelhança de outros modos de expressão artística, propicia o desenvolvimento integral do homem, que percorre, pela linguagem, mundos desconhecidos, cria e recria realidades, vivencia situações, amplia o conhecimento de mundo, encontra o equilíbrio emocional e psíquico e desenvolve seu senso crítico. “Seja no papel de escritor ou de leitor, a literatura possibilita ao homem a expansão do seu potencial criador e imaginativo, satisfazendo sua necessidade de ficção”. (VIEIRA, 2008, p. 442)

Segundo Sodré (1995, p. 2), “entre as manifestações da vida social, nenhuma traduz mais fortemente os seus traços do que as artísticas e, entre elas as literárias”. Nessa perspectiva, a literatura tocantinense é importante lugar de conhecimento da história e cultura regional. Ratificando, Boakin (*apud* COUTINHO, 1995, p. 203) acentua que a cultura regional pode oferecer à literatura “um assunto (a paisagem física e cultural, os costumes locais, mitos, tipos, linguagem etc.), uma técnica (modos de expressão nativos e populares...)”. Na vertente regionalista, a produção literária tocantinense apresenta de maneira abundante esses elementos histórico-culturais.

De acordo com Coutinho (1995, p. 202), “em todos os tempos, e ainda em nossos dias, os focos locais atuam como fontes fecundas de cultura, de variedade, de estímulos espirituais e artísticos”. Vários textos produzidos nesta região enfocam peculiaridades culturais e sociais e contribuem, no plano regional, para a construção do cenário nacional.

Coutinho (1995, p. 205) sugere a imagem do conjunto de retalhos para apontar a contribuição do que é regional na formação do nacional, ao afirmar que “o regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional. É a variedade que se entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes, de região”.

Araújo (2008, p. 122), na discussão sobre a tradição do regionalismo na literatura brasileira, com enfoque do pitoresco à realização inventiva, diz que a tarefa romântica incluía, nos temas considerados naci-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

onais, a celebração da natureza e o interesse por costumes e regiões. Contextualizados inicialmente na voga do indianismo, esses temas exprimiam o desejo de individuação nacional, que corresponderia ao desejo de individuação pessoal.

Para Coutinho (1995, p. 201), o regionalismo romântico era uma forma de escape do presente para o passado, um passado idealizado pelo sentimento e artificializado pela transposição de um desejo de composição e representação por assim dizer onírico. No entanto, quem rompeu com esse regionalismo, analisando e interpretando a realidade brasileira, foi o movimento realista. Este mergulhou no magma nacional à procura da compreensão de seus valores e motivos de vida, e, ao mesmo tempo, buscou nele as fontes de inspiração intelectual. Depois do Realismo, houve um crescimento maior no enfoque da cultura regional em todo o território da nação.

Conforme Sodré (1995, p. 404),

o regionalismo [...] entende o indivíduo apenas como síntese do meio a que pertence, e na medida em que se desintegra da humanidade; visando a preferência ao grupo, busca nas personagens, não o que encenam de pessoal e relativamente livre, mas o que as liga ao seu ambiente, isolando-as de todas as criaturas estranhas àquele.

Na visão de Sodré (1995, p. 405-407), em face das condições do país, o regionalismo teria suas possibilidades limitadas. Primeira de suas limitações a que obedeceu, quase sempre com uma obediência levada ao extremo, com servilismo mesmo, foi a fascinação pelo meio geográfico. A natureza absorve, na ficção regionalista, o papel do homem e este vive em função dela, esmagado pela sua imponência. Outra limitação do regionalismo foi aquela que se esforçou por distinguir a personagem pelo seu modo de falar. O regionalismo admitia não só que era mais fiel à realidade, permitindo que as personagens falassem, na ficção, como falavam na vida, mas o que era extremado, que houvesse cor local, e que a cor local encontrasse plena representação na linguagem peculiar de determinadas zonas.

Ainda sobre aspectos do regional na literatura, Silverman (1995, p. 153) diz que “o regionalismo, na sua acepção mais ampla, procura recriar os costumes, a história, a topografia e até os padrões de linguagem e atitudes de uma zona rural, de alguma forma isolada do todo nacional”. George Stewart (*apud* COUTINHO, 1995, p. 202) define o regionalismo de duas maneiras. Num sentido amplo, toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar

intimamente desse fundo. Num sentido estreito, para ser regional uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local. Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural – clima, topografia, flora, fauna etc. – como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Na visão do mesmo autor, este último é o chamado regionalismo autêntico.

Os conceitos de Enderle gravitam entre duas vertentes do regionalismo a partir de reflexões suas sobre os problemas que a crítica regional enfrenta:

O que significa "crítica regional"? Um discurso reflexivo que fala sobre uma região exclusivamente, ou um pensamento crítico produzido a partir de qualquer região? Sou a favor da segunda opção, mas esclareço que, embora a crítica regional pode (e deve) tratar de temas gerais, (requer a manutenção de um diálogo permanente) com o mesmo direito que a crítica metropolitana. Uma de suas principais funções será a de explicar a produção local não só para tentar corrigir uma "literatura nacional", mas para ajudar a ativar o campo literário regional. (ENDERLE, 2005, tradução nossa)

No entendimento de Arendt (2011), o termo universal aparece quase com a mesma frequência que a palavra regional. Esta última, enquanto epíteto para uma literatura de ambientação não necessariamente rural, mas circunscrita por uma determinada região, encontraria naquele (e somente nele!) seu impulso para transpor as fronteiras da região e gozar a medida maior da excelência artística, porém

o regional parece sofrer, assim, de um irreparável demérito de origem, diminuído pela pecha da estreiteza, da menoridade, do provincianismo, de modo que seu ingresso no universal seria assegurado apenas com a ressalva do belo e do sublime. (ARENDR, 2011, p. 218)

Cordeiro (2004), ao discorrer sobre o deslocamento como proposta para a literatura deste milênio, buscando equacionar o problema do futuro da literatura e sua função na sociedade, diz que o deslocamento enquanto ideia regeneradora da margem pode, assim, ser privilegiado como estratégia operacional fecunda para a literatura e as culturas não hegemônicas, dentro de determinado contexto histórico, uma vez que o conceito de hegemonia nunca é um estado permanente e nunca é indiscutível. As produções literárias e culturais em qualquer região são valorizadas a partir do olhar da margem, descentralizado, periférico. Conforme Cordeiro (2004, p. 18), cada margem deve ser vista como centro, pois

a astúcia do olhar periférico, olhar enviesado, que avalia a dependência cultural para além da econômica, não para negá-la, mas como atitude afirmativa capaz de autoconhecer-se como valor diferencial. Um pé lá, outro cá, num entrelugar, lugar diferido; pensa-se uma cultura e uma literatura do ponto de vista de uma província ultramarina ou dos subúrbios da periferia [...], reformulando conceitos etnocêntricos, debilitando esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade.

Os aspectos locais, dada sua importância como defende Cordeiro (2004), são fecundos nas obras de poesias tocantinenses e contribuem fortemente com o letramento literário na escola, uma vez que os temas das obras enfocam questões contextuais, próximas à vida dos alunos, como veremos a seguir nas obras *Poemas da Margem Esquerda do Rio de Dentro*, de Gilson Cavalcante (2001) e *Mosaicos de um Sonho*, de Ibanez Coelho (2001).

### 3. *Poemas da Margem Esquerda do Rio de Dentro*

A obra *Poemas da Margem Esquerda do Rio de Dentro* é um convite para o leitor/ouvinte, que a considera à semelhança dos rios, permitir-se levar pela sua fluidez, conduzido por uma pluralidade de ritmos, ao mergulhar no rio de gramática líquida.

Na obra, o rio de dentro, que corre pelas veias, tendo como nascente o coração, ganha escopo de metáfora, evocando uma relação de semelhança e dessemelhança do homem *versus* o meio natural, o rio, nos seus movimentos de remansos, pororocas, redemoinhos, correntezas, de eternas descidas.

Na relação de contraste, o homem evidenciado não é mais o paradiático, que tratava uma relação de afinidade com o rio, mas transgressor das leis naturais. Já na relação de semelhança, o homem ribeirinho, nativo, desenvolve uma relação de reciprocidade com o rio.

A pluralidade de rios e homens na obra de Cavalcante (2001) sugere as suas múltiplas faces e suas relações de proximidade e distanciamento. Percebe-se, por um lado, que na relação de contraste, o rio, tendo como característica águas correntes, torna-se portador de medo e de catástrofe para os homens. Aliás, o rio não pede licença para se exibir. Ele define a morfologia das comportas e dismantela pontes em seu exercício de moleza, levando toras, casas, vidas, sonhos. Por outro lado, é o homem que se torna portador de destruições ambientais, com o desmatamento em áreas de proteção ambiental, com a poluição das águas pelos

dejetos dos esgotos e com o uso predatório dos recursos naturais que aceleraram o efeito estufa. Já na relação de confronto, que reside numa afinidade entre homem e rio, nota-se a indissolubilidade de ambos, pois o rio é uma estrada que caminha e representa um percurso viável para o homem, por meio da força natural de suas águas que podem ser aproveitadas para movimentar turbinas, acionando geradores elétricos. As formas de rio, planalto e planície, representam o sobe o desce da vida na luta pela sobrevivência.

#### **4. *Mosaicos de um Sonho***

A obra *Mosaicos de um Sonho*, de Coelho (2001), apresenta um olhar sobre o mundo, por meio de imagens que formam um panorama visual das relações sociais. É a um mosaico, obra composta de várias peças justapostas que formam uma imagem, a que os poemas fazem referência para evocar a realidade circundante do homem. As partes implicadas no todo do quadro imagético abrangem os aspectos sociais, políticos, religiosos, amorosos e ecológicos. O eu-lírico aborda-os, desconstruindo a realidade caótica, com o propósito de refletir sobre as relações humanas e propõe a construção de outra realidade, sonhadora, pacífica, recíproca, que poderá ser um paradigma para as relações dos indivíduos.

As imagens relacionadas às questões sociais mostram uma sociedade cheia de mazelas, de crianças abandonadas, carentes de tudo, sem família, sem identidade, maltrapilhas. A imagem concernente à política aborda a corrupção governamental que contrasta com a realidade miserável. Os governantes passam diante dos problemas sociais, sem dar a devida importância, sem resolvê-los, gerando com isso bolsões de pobreza. A imagem referente aos elementos ecológicos evidencia a reserva florestal, rios caudalosos, fauna e flora, constantemente agredidas pelo homem, em função de interesses econômicos, gerando poluição e destruição global. A descaracterização do homem nativo, se sua origem, de seu meio, é uma das marcas visíveis da transformação das paisagens naturais. Já a imagem que diz respeito aos sentimentos amorosos evoca crises na relação familiar, onde o afeto, o respeito, os valores tradicionais, o entendimento, não são mais cultivados, sobretudo nas circunstâncias mais difíceis da vida.

## 5. Conclusões

É função da escola, enquanto principal agência responsável pelo letramento literário e por formar alunos leitores e produtores de textos, atuar como mediadora no processo de leitura das obras literárias, de âmbito local e universal. A escola deve instigar o desenvolvimento do aluno pelo gosto da leitura literária regional, partindo de convenções que cercam a escrita literária, tais como os elementos temáticos recorrentes nas obras de poesias tocantinenses.

As obras regionais *Poemas da Margem Esquerda do Rio de Dentro* e *Mosaicos de um Sonho* são exemplos da expressão literária local em que diferenças e semelhanças retratadas contribuem para a formação da literatura tocantinense, bem como dos seus leitores. A produção literária de poesia tocantinense pode contribuir para a fruição da literatura na sala de aula, formando leitores competentes no processo de letramento literário.

Na obra de Cavalcante (2001), a interpretação da metáfora rio converge para a postulação de que o homem é um rio, ou seja, as características: sinuoso, sereno, manso, enigmático, frio, profundo, raso, barulhento etc., representam tanto o rio quanto o homem.

Na obra de Coelho (2001), as imagens mostram um mundo decadente nas relações interpessoais e naquelas vinculadas ao meio ambiente. A visão do quadro desenhado segue a desconstrução desse ambiente caótico e a construção de outro mundo melhor, mais feliz. Os poemas contribuem para a compreensão do homem nas tomadas de decisões de modo a refletir, a sonhar e lutar com novas perspectivas de vida. Além disso, a obra proporciona ao aluno mais um exercício de análise poética para seu desenvolvimento educacional no contexto do universo literário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, H. H. A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva. *Revista Letras*, Curitiba, n. 74, p. 119-132, jan./abr. 2008.

ARENDDT, J. C. Contribuições alemãs para o estudo das literaturas regionais. *Pandaemoniumger*, n. 17, p. 217-238, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1982-88372011000100012>>. Acesso em: 08-10-2013.

BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. de. *Literatura*. A formação do leitor. Alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. In: *Diário Oficial da União*, Ano CXXXIV, n. 248, 23/12/96. Brasília: 1996.

CAVALCANTE, G. *Poemas da margem esquerda do rio de dentro: a gramática líquida*. Palmas: Independente, 2001.

COELHO, I. *Mosaicos de um sonho*. Goiânia: Talento, 2001.

CHIAPPINI, L. A circulação de textos na escola. In: GUARACIABA, Micheletti. *Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: UFMG, 2009.

CORDEIRO, R. G. *De Ítalo Calvino a Ricardo Piglia, do centro para a margem: o deslocamento como proposta para a literatura deste milênio*. *Alea*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, vol. 6, n. 1, p. 13-25, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33060102>>. Acesso em: 02-09-2013.

COSSON, R. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COUTINHO, A. *Introdução à literatura no Brasil*. 16. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995.

ENDERLE, Victor Barrera. Apuntes para uma teoria crítica regional latinoamericana. In: *Congresso Iberoamericano de Literatura*, celebrado em Rosário, Argentina, em junho de 2005.

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética*, vol. IV. Trad.: Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker. (Orgs.). *Escola e literatura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

PAULINO, G. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, vol. 17, n. 1, p. 47-62, 2004.

RANGEL, E. de O. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: “Os amores difíceis”. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica; CEALE/FAE/UFMG, 2007, p. 127-146.

\_\_\_\_\_. Literatura e livro didático no ensino médio: caminhos e ciladas na formação do leitor. In: PAIVA, Aparecida; EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; PAULINO, Graça; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.) *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SODRÉ, N. W. *História da literatura brasileira*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SILVERMAN, M. *Protesto e o novo romance brasileiro*. Trad.: Carlos Araújo. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

TOCANTINS. Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Estado do Tocantins – SEDUC. *Proposta curricular do ensino médio: arte, biologia, educação física, filosofia, física, geografia, história, língua estrangeira moderna, língua portuguesa e literatura, matemática, química e sociologia*. Versão preliminar, 2ª impr. 2009, p. 206-236.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Trad.: Caio Meeira. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VIEIRA, A. Formação de leitores de literatura na escola brasileira: caminhadas e labirintos. *Cadernos de Pesquisa*, [s./l.], vol. 38, n. 134, p. 441-458, 2008. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n134/a0938134.pdf>>. Acesso em: 05-10-2013.

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: Ibpex, 2010.